

Habitar a universidade: corpos, saberes e identidades Guarani e Kaiowá no ensino superior¹

Inah Miranda Rios Serra²

Harryson Júnio Lessa Gonçalves³

Palavras-chave: licenciatura intercultural; ensino de ciências; etnografia

Introdução

Esta pesquisa surgiu a partir de inquietações epistêmicas compartilhadas no Grupo de Pesquisa em Antropologia e Educação (GPAE), vinculado ao Programa de Pós-graduação em Educação para Ciência da Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista (Unesp), Câmpus de Bauru.

Particularmente, surge como iniciativa que se debruça na luta pela democratização do acesso à educação no Brasil, onde, a partir da Constituição Federal de 1988 (Brasil, 1998), é garantida, juridicamente, o acesso à educação diferenciada para os diferentes povos que compõem a riqueza cultural e étnica de nosso país, como é o caso dos povos indígenas.

Em uma história nacional marcada pela colonização, o genocídio e o massacre de populações indígenas, fortalecer o diálogo horizontal entre culturas e produzir ciência a partir de novas perspectivas e epistêmes é um dentre tantos caminhos para avançarmos para uma sociedade mais justa, com garantia de direitos e que possa viver em harmonia por meio de suas culturas e cosmovisões.

Entre os povos indígenas do Brasil, os Guarani e Kaiowá, localizados principalmente no estado de Mato Grosso do Sul, figuram entre os que mais sofrem com processos históricos de desterritorialização, violência e exclusão social (Benites; Monfort; Gisloti, 2021). No campo educacional, apesar dos avanços proporcionados por políticas públicas, como a criação de licenciaturas interculturais, persistem desafios como o racismo institucional, a desvalorização dos saberes tradicionais e a dificuldade de integrar epistemologias indígenas ao currículo acadêmico. Embora o número de matrículas de estudantes indígenas tenha crescido nas últimas décadas, as taxas de evasão ainda são significativamente mais altas do que a média nacional, especialmente em cursos de áreas científicas⁴.

¹ Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2026)

² Mestranda no Programa de Pós-graduação em Educação para Ciência, Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista (Unesp), câmpus Bauru; inah.rios@unesp.br

³ Orientador do projeto, Professor Doutor no mesmo programa, Unesp Bauru; harryson.lessa@unesp.br

⁴ Disponível em: <https://revistapesquisa.fapes>

Neste contexto, a Licenciatura Intercultural Indígena “Teko Arandu”, oferecida pela Faculdade Intercultural Indígena (FAIND) da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) apresenta-se como um espaço singular para compreender como se dá a convivência entre saberes acadêmicos e saberes tradicionais no ensino superior.

A investigação está ancorada nos referenciais da interculturalidade crítica (Wash, 2009; 2013), dos estudos pós-coloniais (Fanon, 2022; Said, 1995; Spivak, 1994) e da decolonialidade (Mignolo, 2017, 2020; Quijano, 2005), compreendendo que a produção de conhecimento não é neutra, mas atravessada por relações de poder historicamente estabelecidas. Interculturalidade crítica, neste contexto, é entendida como uma perspectiva que não apenas reconhece a diversidade cultural, mas questiona e transforma as estruturas que produzem desigualdade. Saberes tradicionais, por sua vez, são tomados como formas legítimas de conhecer e explicar o mundo, transmitidas por meio da oralidade, da prática e das cosmovisões indígenas, e que dialogam, nem sempre de forma harmoniosa, com os saberes científicos ocidentais. A questão central que direciona este estudo é: como ocorrem os diálogos de saberes entre os conhecimentos e modos de ser Guarani e Kaiowá com os conhecimentos científicos, a partir dos processos educacionais de ensino de ciências, no contexto do curso de Licenciatura Intercultural Indígena ‘Teko Arandu’, da Faculdade Intercultural Indígena (FAIND) da Universidade Federal de Grande Dourados (UFGD)

Objetivos

Objetivo Geral:

Interpretar os modos de ser, estar e produzir conhecimentos Guarani e Kaiowá no curso de Licenciatura Intercultural Indígena "Teko Arandu", habilitação Ciências da Natureza, da Faculdade Intercultural Indígena (FAIND) da Universidade Federal de Grande Dourados (UFGD), por meio da etnografia enquanto perspectiva epistêmica e metodológica, com foco nas relações culturais, identitárias e educativas que constituem essas experiências acadêmicas.

Objetivos Específicos:

- ➔ Caracterizar a estrutura curricular e organizacional do curso de Licenciatura Intercultural Indígena ‘Teko Arandu’, identificando as convergências entre saberes tradicionais e conhecimentos científicos.

- Investigar as fricções entre os saberes tradicionais indígenas e os saberes científicos nos processos formativos de estudantes indígenas Guarani e Kaiowá, considerando as especificidades da habilitação em Ciências da Natureza.
- Interpretar como se manifestam, na convivência acadêmica, as dinâmicas de grupo e das relações entre os estudantes e os docentes no ambiente da FAIND/UFGD.

Metodologia

De acordo com a natureza dos dados, a pesquisa adota uma natureza qualitativa se caracterizando como uma etnografia.

Nesse sentido, neste trabalho compreendemos que a etnografia é muito mais do que um conjunto de técnicas de coleta de dados: é uma forma singular de produção de conhecimento que exige a presença prolongada e encarnada do pesquisador junto ao grupo estudado. Claudia Fonseca (1999) argumenta que ela se distingue de abordagens meramente qualitativas justamente por insistir no enquadramento social e histórico dos sujeitos, pois não basta ouvir indivíduos isoladamente, sendo necessário situar suas práticas, emoções e discursos dentro de um sistema mais amplo de relações. O ponto de partida é sempre o particular, um fragmento do cotidiano ou um estranhamento diante de algo que os nativos consideram banal, mas o movimento analítico vai necessariamente do singular ao geral, construindo modelos hipotéticos que iluminam dinâmicas culturais invisíveis ao senso comum. Nesse sentido, a etnografia recusa tanto o universalismo abstrato quanto o relativismo que paralisa, pois procura sistemas e padrões sem jamais dissolver a singularidade dos casos que os revelam.

Um elemento central dessa prática – frequentemente apagado nas etnografias clássicas e que consideramos nesta investigação – é o que Favret-Saada (2005) denomina "ser afetado". A partir de sua pesquisa sobre a feitiçaria no Bocage francês, a autora demonstra que a comunicação etnográfica ordinária, verbal, voluntária e intencional, é uma das formas mais empobrecidas de acesso à experiência humana. Para que os camponeses falassem com ela sobre feitiçaria, foi necessário que ela deixasse de ser apenas uma observadora e passasse a ocupar um lugar real no sistema simbólico investigado, expondo-se a intensidades afetivas que não eram representáveis nem controláveis. Favret-Saada (2005) esclarece que ser afetado não equivale a ter empatia, pois não se trata de imaginar-se no lugar do outro nem de fundir-se a ele, mas de permitir que o campo mobilize e modifique o próprio repertório de imagens e sensações do pesquisador. Essa abertura cria uma comunicação involuntária e não

intencional que carrega informações inacessíveis por outros meios, desde que o pesquisador mantenha, em paralelo, a capacidade de elaborar esse material como objeto de conhecimento.

A dimensão polifônica da etnografia, a partir da crítica pós-moderna à autoridade etnográfica, acrescenta outra camada a essa compreensão. Teresa Caldeira (1988) mostra que a etnografia clássica tendia a apagar as múltiplas vozes do campo em favor de uma voz autoral única que recompunha a cultura como totalidade coerente, silenciando no processo os próprios sujeitos de quem falava. A resposta pós-moderna a esse problema foi propor etnografias dialógicas e polifônicas, nas quais o texto incorpora perspectivas diversas e o antropólogo dilui sua autoridade. O risco, segundo a antropóloga, é que a dissolução do autor produza apenas ausência de análise e não pluralidade crítica. A saída não está em escolher entre a voz única e o silêncio do pesquisador, mas em construir uma presença crítica, capaz de se reconhecer como uma voz entre outras, marcada por relações de poder, e ao mesmo tempo responsável pelas interpretações que produz. É nessa tensão entre afetação, pluralidade de vozes e responsabilidade analítica que a etnografia encontra sua força como forma de conhecimento.

Assim, mobilizamos neste trabalho não para somente uma descrição de práticas sociais e seus atravessamentos, mas para subsidiar a construção de uma etnografia, entendida enquanto perspectiva epistêmica. Ou seja, não como um método em si, mas como uma forma de conhecer através da relação entre pesquisadora e interlocutores.

A metodologia, portanto, se dá a partir das técnicas usadas para permitir essa troca (pesquisadora e interlocutores), que a partir daí se desdobram na construção da etnografia. Essas técnicas serão entrevistas semiestruturadas, observações participantes e análises de documentos. O diário de campo será o instrumento principal durante as visitas à universidade. As entrevistas semiestruturadas serão transcritas posteriormente.

As técnicas se dividirão em três etapas:

- ➔ **Análise documental:** Será analisado o principal documento normativo e curricular do curso, o Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena Teko Arandu (UFGD, 2023), da FAIND-UFGD, com o objetivo de compreender a estrutura curricular, pedagógica e os marcos normativos que orientam o curso. Esta análise terá como foco principal a estrutura organizacional da habilitação em Ciências da Natureza.
- ➔ **Observação participante:** Considerando que o curso é oferecido na perspectiva da Pedagogia da Alternância, participaremos de momentos do tempo-universidade, incluindo uma etapa de aulas, com o objetivo de observar as práticas pedagógicas e os

processos formativos no contexto intercultural. As aulas do curso acontecem na Faculdade Intercultural Indígena (FAIND), localizada no câmpus da UFGD. Durante o tempo na universidade, os estudantes, muitas vezes com suas famílias, ficam hospedados na cidade, e podem vivenciar a realidade do câmpus, cursando disciplinas condensadas. Esse período é dividido em dois blocos de 13 dias de aula, totalizando 26 dias no semestre (UFGD, 2023). Para fins de registro etnográfico, utilizaremos caderno de campo e fotografias.

→ **Entrevistas semiestruturadas:** Serão realizadas entrevistas com a direção da FAIND, coordenação do curso e um docente da Licenciatura Intercultural “Teko Arandu”, com o objetivo de explorar suas percepções sobre a estrutura do curso, a integração de saberes e as dinâmicas pedagógicas que envolvem os estudantes indígenas. As entrevistas serão gravadas e transcritas e, ainda, utilizaremos anotações no caderno de campo.

Cabe destacarmos que o caderno de campo ocupa um lugar central na pesquisa etnográfica, funcionando como o principal instrumento de registro e elaboração da experiência vivida no trabalho de campo. É nele que o pesquisador anota observações, diálogos, descrições de situações e impressões do cotidiano, constituindo um material denso que, longe de falar por si só, precisará ser sistematicamente interrogado, comparado e interpretado ao longo do processo analítico. Mais do que um simples repositório de dados, o caderno de campo é o espaço onde a experiência bruta começa a ganhar forma inteligível, sendo o elo indispensável entre a imersão no campo e a escrita etnográfica.

Assim, os dados produzidos serão analisados de forma descritiva e interpretativa, buscando identificar padrões, significados e relações entre os elementos observados e os relatos coletados, com o intuito de compreender as dinâmicas culturais e educativas no contexto acadêmico indígena. Tal perspectiva está em consonância com a compreensão de que os dados etnográficos não constituem fatos “brutos”, mas fatos etnográficos, resultantes de escolhas, mediações e interpretações que se dão tanto no processo de observação quanto na elaboração do relato (Peirano, 1995).

Assim, a interpretação não será concebida como uma etapa isolada ou posterior ao trabalho de campo, mas como parte indissociável da própria construção do conhecimento. A descrição buscará recuperar a riqueza dos materiais coletados, enquanto a interpretação se orientará para revelar os significados, ambiguidades e contradições presentes nas experiências narradas e observadas.

Nessa direção, o objetivo não é a produção de generalizações rígidas, mas a valorização da densidade das práticas e discursos, permitindo reinterpretações e abrindo espaço para novos questionamentos. Compreender as dinâmicas acadêmicas vivenciadas exige atenção às formas de tradução, negociação e ressignificação que emergem nesse encontro intercultural.

Portanto, a construção desta etnografia caminha como prática reflexiva e processual, comprometida em problematizar conceitos, iluminar diferenças culturais e produzir reflexão teórica a partir da empiria.

Esta pesquisa pretende contribuir para o debate sobre narrativas *outras*, reconhecendo os estudantes Guarani e Kaiowá como protagonistas da construção de conhecimento. Trata-se de um esforço de elaborar coletivamente uma pesquisa teórica que traga à tona suas próprias demandas, percepções e expectativas em relação à universidade e à educação. Por isso, o projeto, tal como aqui se apresenta, está aberto a alterações e reelaborações, de acordo com as discussões que se desenvolverem ao longo do processo com os sujeitos participantes.

A compreensão de que a etnografia em si não é uma metodologia é essencial para demarcar a potencialidade do diálogo vivido, pois nos permite questionar pressupostos já estabelecidos através de novas associações, que mudam um ponto de vista teórico. Nesse sentido, “Etnografia não é método; toda etnografia é também teoria” (Peirano, 2014, p. 383).

Enquanto pesquisadora não indígena – e aqui assumindo a primeira pessoa como corresponsável por este trabalho –, não busco falar *por eles*, mas *com eles*, estabelecendo um compromisso ético que reconhece as assimetrias históricas e reforça a necessidade de caminhar juntos na luta pela educação em suas múltiplas vertentes. Nesse sentido, a pesquisa configura-se não como uma elaboração isolada, mas como um empreendimento coletivo e colaborativo, orientado pelo respeito à diversidade e pela valorização dos saberes indígenas.

Esta pesquisa faz parte de um projeto maior denominado “Entremear de Etnografias sobre Saberes e Experiências: Reminiscências de Professores Indígenas”, no qual foi submetido à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) e obteve aprovação para sua realização, em conformidade com os preceitos éticos estabelecidos para pesquisas envolvendo seres humanos. A aprovação foi concedida por meio do parecer referente ao Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) nº 83191624.9.0000.5398, atestando que os procedimentos metodológicos e éticos propostos atendem às normas vigentes para o desenvolvimento da pesquisa.

Referencial Teórico

Esta pesquisa adota perspectiva epistemológica a partir da interculturalidade, especialmente dos conceitos mobilizados por Catherine Walsh (2009; 2013). Tensiona a pretensão universalizante do conhecimento moderno ocidental a partir, não apenas de um encontro entre culturas, mas as hierarquias que historicamente subalternizam determinados grupos e modos de conhecer. Essa perspectiva pretende olhar com criticidade as dicotomias, contradições e potencialidades das relações sócio-históricas locais. A partir de um posicionamento que defende justiça social e garantia de direitos plenos.

Também conversa, a partir do contexto dos estudos interculturais, com referenciais de estudos pós-coloniais (Fanon, 2022; Said, 1995; Spivak, 1994), e da decolonialidade (Mignolo, 2017, 2020; Quijano, 2005), uma vez que criticam as estruturas de poder dominante e se propõem, enquanto correntes teóricas, a repensar o papel das comunidades tradicionais na sociedade como um todo.

A interculturalidade crítica constitui um eixo estruturante deste referencial. Diferentemente de perspectivas multiculturalistas que se limitam ao reconhecimento da diversidade, a interculturalidade crítica propõe a transformação das relações de poder que produzem desigualdades entre culturas. Trata-se de uma concepção política e pedagógica que busca promover diálogos simétricos entre saberes, reconhecendo conflitos, disputas e processos de negociação. No âmbito da formação de professores indígenas, essa perspectiva implica compreender o currículo como espaço de tradução intercultural, no qual diferentes matrizes epistemológicas se encontram, se confrontam e se ressignificam (Walsh, 2009).

Esses estudos oferecem instrumentos analíticos para compreender como as heranças do colonialismo permanecem operando nas instituições contemporâneas, inclusive na universidade, por meio da naturalização de epistemologias eurocentradas e da marginalização de outros modos de produzir conhecimento (Spivak, 1994). Nesse horizonte, a colonialidade não é entendida apenas como um evento histórico superado, mas como uma matriz persistente de poder que estrutura hierarquias raciais, culturais e epistêmicas (Quijano, 2005). A educação superior, nesse sentido, pode tanto reproduzir quanto tensionar essas hierarquias.

Nesse entrecruzamento teórico, a universidade é analisada como espaço de fronteira: simultaneamente instituição moderna, marcada por racionalidades científicas ocidentais, e território de disputas epistemológicas, no qual estudantes indígenas afirmam identidades, cosmologias e projetos coletivos. A Licenciatura Intercultural “Teko Arandu”, nesse contexto, pode ser compreendida como locus privilegiado de produção de conhecimento

intercultural, onde se materializam tanto as tensões da colonialidade quanto às possibilidades de sua superação.

Resultados esperados

Espera-se com essa pesquisa discutir a importância da presença da etnologia Guarani e Kaiowá na elaboração dos currículos da Licenciatura Intercultural da UFGD, fortalecendo vozes e narrativas que demarcam a importância da educação diferenciada e da formação de professores voltados para esse tipo de ensino.

Também prevê identificar pontos de convergência, tensão e ressignificação entre os saberes tradicionais e os saberes científicos no processo formativo, destacando como esses encontros geram novas possibilidades educativas no campo das Ciências da Natureza, na defesa e fortalecimento do diálogo entre saberes.

E oferecer reflexões que subsidiem debates sobre políticas e práticas de formação docente intercultural, reforçando a necessidade de uma universidade mais democrática, plural e atenta às demandas dos povos indígenas.

Referências

BENITES, Eliel; MONFORT, Gislaine; GISLOTI, Laura Jane. Territorialidades originárias e a cosmologia Kaiowá e Guarani: auto-organização contra o agronegócio, os crimes socioambientais e a pandemia. **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 38, 2021. DOI: 10.22456/1982-6524.114322.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Presidência da República, [2025]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 20 jun. 2025.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. A presença do autor e a pós-modernidade em antropologia. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n. 21, p. 133-157, jul. 1988.

FANON, Franz. **Os Condenados da Terra**. Tradução de Ligia Fonseca Ferreira e Regina Salgado Campos. Rio de Janeiro: Zahar, 2022

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. **Cadernos de Campo**, São Paulo, n. 13, p. 155-161, 2005.

FONSECA, Claudia. Quando cada caso NÃO é um caso: pesquisa etnográfica e educação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 10, p. 58-78, jan./abr. 1999.

MIGNOLO, Walter D. A Geopolítica do Conhecimento e a Diferença Colonial. **Revista Lusófona de Educação**, Lisboa, v. 48, n. 48, p. 187-224, jan. 2020. DOI: 10.24140/issn.1645-7250.rle48.12.

MIGNOLO, Walter D. **O lado mais escuro da modernidade: globalização, colonialidade e pensamento decolonial**. Tradução de Luiz Gustavo F. Rocha. Petrópolis: Vozes, 2017.

PEIRANO, Mariza. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832014000200015>

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. In: LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais – perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 107-130.

SAID, Edward W. **Cultura e imperialismo**. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Can the subaltern speak?. In: WILLIAMS, Patrick; CHRISMAN, Laura. **Colonial Discourse and Post-colonial theory: a reader**. Columbia: Columbia University Press, 1994.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS. **Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura Intercultural ‘Teko Arandu’**. Dourados, MS, 2023. Disponível em: <<https://portal.ufgd.edu.br/coordenadoria/cograd/ppcs>> Acesso em 20 ago. 2025.

WALSH, Catherine. **Interculturalidad crítica y educación intercultural**. Conferência apresentada no Seminário “Interculturalidad y Educación Intercultural”, Instituto Internacional de Integración del Convenio Andrés Bello, La Paz, 2009.

WALSH, Catherine. Interculturalidad crítica y pedagogía decolonial. In: WALSH, Catherine. **Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir**. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2013. p. 23–68.